

# O CINECLUBE COMO PROMOTOR DA EMANCIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Clóvis Gomes Ferreira, André Luiz da Motta Silva,  
Anderson Martins Corrêa

[clovis.g.f@gmail.com](mailto:clovis.g.f@gmail.com), [andre.silva@ifms.edu.br](mailto:andre.silva@ifms.edu.br), [anderson.correa@ifms.edu.br](mailto:anderson.correa@ifms.edu.br)

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2023

**Resumo:** A função essencial da administração de um colégio que se empenha na formação cidadã é primar pelo acesso à coletividade, a fim de propiciar um ambiente dedicado à formação integral dos alunos. Nesse contexto, a incorporação do cinema como elemento ativo de uma educação emancipatória emerge como uma das vias para integrar a coletividade nesse ambiente educacional. Propõe-se, aqui, examinar as múltiplas potencialidades do cinema como ferramenta educativa de grande importância para uma formação centrada na cidadania e no empoderamento do estudante. As análises foram acompanhadas da prática cineclubista como um meio de promover maior sinergia entre a escola e a coletividade.

**Palavras-Chave:** Educação, Cinema, Empoderamento.

**Abstract:** The essential function performed by the administration of a school committed to citizenship training lies in accessing the community, in order to create an environment dedicated to the integral formation of students. In this context, the incorporation of cinema as an active element of an emancipatory education emerges as one of the ways to integrate the community in this educational environment. This article sets out to examine the multiple potentialities of cinema as an educational tool, fundamental for training centered on citizenship and student empowerment. Accompanying such analyses, a scenario of film club practice was traced as a means for greater synergy between the school and the collectivity.

**Keywords:** Education, Cinema, Empowerment.

**Resumen:** La función esencial que cumple la administración de una escuela comprometida con la formación ciudadana radica en acceder a la comunidad, para crear un ambiente dedicado a la formación integral de los estudiantes. En este contexto, la incorporación del cine como elemento activo de una educación emancipatoria surge como una de las vías para integrar a la comunidad en este ámbito educativo. Este artículo se propone examinar las múltiples potencialidades del cine como herramienta educativa, fundamental para una formación centrada en la ciudadanía y el empoderamiento de los estudiantes. Acompañando tales análisis, se trazó un escenario de práctica de cine club como medio para una mayor sinergia entre la escuela y el. colectividad.

*Palabras clave: Educación, Cine, Empoderamiento.*

## **1. Introdução**

O ponto de partida para o tema é a pesquisa que explorou a integração de uma formação educacional que fomente o protagonismo e a autonomia dos estudantes, tendo em vista o desenvolvimento de uma educação de qualidade e a promoção do exercício da cidadania. A investigação também considerou a articulação entre gestores escolares e comunidade como forma de garantir o direito à educação. Para tanto, concentrou-se na utilização do cinema como ferramenta pedagógica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabelece o pleno desenvolvimento do educando e a preparação para a cidadania como finalidades da educação. Nesse contexto, o estímulo ao protagonismo e à autonomia dos estudantes se apresenta como um caminho para cumprir essas diretrizes. A pesquisa em questão propôs o uso do cinema como instrumento para promover reflexões críticas e desenvolver habilidades de interpretação e escrita.

Ao incorporar a Sétima Arte na educação, busca-se não apenas enriquecer a experiência dos estudantes com elementos estéticos e valores sociais, mas, também, estimular debates e reflexões coletivas. O cinema, quando mediado pelo professor, pode engajar os alunos em discussões significativas sobre suas percepções do mundo e da própria história. Através dessa abordagem, é possível construir um ambiente educacional mais voltado para o pensamento crítico e conscientização.

Assim, o uso do cinema na escola não apenas contribui para a formação intelectual dos estudantes, mas ainda fortalece a compreensão de que a educação é um direito assegurado por lei, incentivando o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia, elementos essenciais para uma cidadania ativa e participativa.

## **2. A análise reflexiva, cineclubes e produções cinematográficas.**

A prática pedagógica pode integrar o cinema devido à sua ampla influência e poder de imagens. Na esfera histórica, a utilidade do cinema como origem de uma informação tem sido explorada desde os anos 1970, conforme observado pelo historiador

Ferro (1992). Esse autor enfatiza que o cinema tem o poder de fascinar e provocar inquietação, permitindo ao espectador tanto escapar da realidade quanto ser provocado a reflexões profundas. O olhar capturado pela câmera revela camadas de significados e perspectivas que podem evocar respostas complexas e variadas da audiência. E mais:

O filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. Ele destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade. A câmera revela seu funcionamento real, diz mais sobre cada um do que seria desejável de se mostrar. Ela desvenda o segredo, apresenta o avesso de uma sociedade, seus lapsos. Ela atinge suas estruturas. Isso é mais do que seria necessário para que após o tempo do desprezo, venha o da suspeita, o do temor. (FERRO, 1992, p. 86).

O cineclube é um espaço não lucrativo dedicado à discussão e exibição de filmes, originado na França, na década de 1910. Seu objetivo primordial é incentivar o público a apreciar e debater cinema, conforme detalhado pelo Conselho Nacional de Cineclubes. Gati (2000, p. 128) descreve a atividade cineclubista como possuidora de aspectos como constituição legal, caráter associativo e um estatuto. No Brasil, durante um período em que não havia cursos específicos de produção cinematográfica, o Clube de Cinema de São Paulo, fundado em 1940, assim como outros cineclubes, desempenharam esse papel educacional.

Na década de 1960, os cineclubes brasileiros ganharam destaque por meio de debates não apenas sobre cinema, mas também impulsionando a reflexão sobre a produção cinematográfica brasileira. Quanto à relevância contemporânea do cineclube, Alves e Macedo (2010, p. 11) explicitam:

Nos primórdios do século XXI, o cineclubismo tornou-se um dos mais importantes movimentos culturais da atualidade. Na medida em que a prática cineclubista soube ir além da mera exibição do filme, ela consegue tornar-se efetivamente um movimento cultural capaz de formar não apenas ‘um público’, mas sujeitos humanos comprometidos com a transformação histórica da sociedade burguesa. Este é o sentido do cinema como experiência crítica, isto é, a utilização do filme como meio para a formação humana no sentido pleno da palavra.

Ao ponderarmos sobre o impacto das fotografias em deslocamento, é essencial reconhecer nossa inserção em uma humanidade midiaticizada, na qual as gerações mais jovens mantêm um contínuo e imediato envolvimento com conteúdo audiovisual, como mencionado por Alves (2010, p. 15):

As novas gerações de homens e mulheres são (de)formados através de nexos

audiovisuais. Dos videogames aos computadores interligados na internet e das tevês de tela plana aos computadores que fazem registros audiovisuais, o nexo audiovisual constitui a nossa vida na sociedade. A imagem audiovisual é o mais importante elemento dos processos de subjetivação / dessubjetivação do homem no século XXI. Por isso, qualquer processo de formação humana implica a apropriação de nexos audiovisuais.

Nesse contexto, o cineclube emerge como um novo ambiente propício à geração de raciocínio analítico, manifestando-se como uma via para a experiência da democracia (ALVES; MACEDO, 2010). Possivelmente, a criação desses ambientes dentro de escolas ou similares busca contrariar o controle da opinião pública contínuo e progressivo. A implementação de locais de discussão representa uma forma de resistência que se empenha em alinhar-se a um ideal democrático; o cineclube se apresenta, então, como uma expressão cultural que oferece uma alternativa de organização para realizar essa aspiração.

Entretanto, vale ressaltar que tal realização não é imparcial, já que sua eficácia necessita da orientação proporcionada pelo intercessor do procedimento. É também válido considerar a possibilidade de um efeito inverso, resultando na conformidade do ponto de vista, dependendo do foco escolhido para a abordagem. Esse enfoque foi enfaticamente discutido por Alves (2010, p. 16-17), ao afirmar que

[...] a re-significação do filme que implica a formação humana é uma operação de consciência crítica capaz de constituir sujeitos humanos com um espírito questionador no sentido de desvelar as contradições objetivas da ordem do capital. Assim, ir além do filme implica assumir uma visão crítica de mundo e dotá-la de ferramentas categoriais capazes de extrair das imagens audiovisuais novas significações capazes de produzir nos sujeitos-receptores / sujeitos- -produtores, novas percepções e entendimentos da ordem social.

A produção cinematográfica adquire uma nova proporção, ao promover a prática da reflexão e a autorreflexão. Seja o filme ficcional ou documental, no contexto educacional, compreendê-lo adquire uma relevância adicional, particularmente sob a ótica de uma educação integral. O engajamento crítico com o cinema, no ambiente escolar, emerge como uma perspectiva pedagógica que pode, efetivamente, contribuir para uma formação emancipatória centrada no empoderamento dos estudantes.

Enquanto debatemos essas questões, surge a indagação sobre o papel do cinema. Como ele se encaixa e qual é o propósito de seu uso em uma educação com foco emancipatório? Primeiramente, sobre o cinema, destaco a hipótese de Holzmann (2012, p. 15): “[...] um meio de comunicação que se presta à veiculação de qualquer tipo de mensagem, sendo, portanto, destituído de um sentido intrínseco e inerente. É um

instrumento na mão de seus idealizadores”.

Fresquet (2013) também ressaltou o potencial pedagógico do cinema, enfatizando que essa vivência deve ocorrer, no ambiente escolar, de modo a envolver docentes e alunos. Essa visão sugere a exploração da experiência cinematográfica em espaços alternativos, como hospitais, mas também estabelece uma interconexão vital entre o cinema e uma abordagem pedagógica emancipatória de reflexão libertadora de análise crítica:

A tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades. (FRESQUET, 2013, p. 19).

### **3. O filme, a educação integral e o empoderamento**

Vários autores enfatizam a relevância pedagógica do filme para a promoção de uma educação empoderadora, entre eles Alves (2010), Napolitano (2006) e Macedo (2010). Fresquet (2013) salientou a viabilidade de tais abordagens cinematográficas acontecerem em ambientes que transcendem o padrão convencional de exibição, expandindo, desse modo, as possibilidades de intervenção:

[...] a experiência do cinema com professores e estudantes de educação básica dentro e fora da sala, visando uma pedagogia emancipadora que fuja da explicação e aposte nas capacidades sensíveis e intelectuais dos sujeitos, espectadores/atores-aprendentes/ensinantes. (FRESQUET, 2013, p. 11).

Quando a exibição de filmes ultrapassa os ambientes tradicionais, surgem oportunidades inovadoras e perspectivas variadas sobre essa forma de Arte. Ao encorajar essa prática, impulsionamos o potencial da produção cinematográfica para o aprofundamento e maior compreensão de nós mesmos e dos outros, alinhando-a à visão de educação integral.

A proposta da educação integral busca transcender um currículo considerado antiquado devido à sua fragmentação, reconhecendo, em seu âmago, a importância de elementos como engajamento cidadão, valorização da diversidade e fomento à tolerância, elementos que enriquecem a experiência educativa ao promover múltiplas perspectivas.

Existe, nas cidades, uma variedade de locais propícios para a aprendizagem; nesse sentido, é responsabilidade da escola, representada pelo gestor com o apoio de outras

entidades governamentais, coordenar a incorporação desses diversos recintos em seu ambiente educacional. Nesse contexto, a escola pública pode desfrutar de vantagens, conforme destacado por Gadotti (2009, p. 32), tendo em vista seu caráter integral, integrado e promotor de integração.

Na aspiração de criar uma escola verdadeiramente inclusiva, o cinema pode desempenhar um papel significativo. É interessante observar que essa integração já tem ocorrido através de políticas públicas, a exemplo da inclusão do trabalho cineclubista entre as oficinas do programa federal Mais Educação (BRASIL, 2007). Essas oficinas, inseridas nessa iniciativa governamental e política, são guiadas pela abordagem de uma atuação abrangente que engloba diversas dimensões.

A implementação deve ocorrer de forma gradual e contínua, para que o ensino em período integral se torne uma escolha voluntária viável (GADOTTI, 2009, p. 36). Similarmente, o autor abordou a forma como o direito à educação é articulado:

O direito à educação não se reduz ao direito de estar matriculado na escola. É direito de aprender na escola. Sabemos que é no interior das salas de aula que devemos medir os efeitos de qualquer projeto educacional, verificando o quanto os alunos aprenderam. (GADOTTI, 2009, p. 52).

Considerando essas reflexões, o cinema emerge como uma via para abordar, efetivamente, o direito à aprendizagem através de uma formação que engloba os diversos aspectos que constituem a integralidade do indivíduo. É crucial reconhecer que uma abordagem que enfatiza o empoderamento e a emancipação está em consonância com os próprios objetivos da educação integral delineados pelo IFMS, os quais buscam promover o empoderamento de adolescentes, jovens e adultos para alcançar a emancipação autônoma.

#### **4. O empoderamento, a emancipação e a tomada de consciência**

A motivação para empreender este percurso inicial reside na oportunidade de aproveitar o ambiente da Educação Integral para cultivar a valorização do aprendizado e promover conceitos cruciais como emancipação e empoderamento, no estudante. Mesmo que se trate de tarefa contínua, ao longo do ano, e abranja várias disciplinas, esse contexto oferece uma plataforma propícia para incutir a ideia de que o aluno é o construtor ativo de sua narrativa pessoal, além de fomentar a reflexão sobre sua posição como sujeito de sua



própria jornada educacional.

Paulo Freire e Leonardo Boff, dois influentes pensadores, fundamentam essa abordagem educacional na escola. Os dois ressaltam a importância de desenvolver uma percepção significativa da vida, algo concretamente alcançável dentro do ambiente escolar. Tomando esses autores como inspiração, consideramos viável avançar em direção ao conceito de empoderamento, destacando o cinema como uma ferramenta que capacita esse tipo de abordagem educativa.

Ao simplificar a condição humana, quando narra a história da águia criada como galinha, Boff (2012) destaca sua capacidade criativa e enfatizando que ela representa a criatividade humana. Ao ressaltar que "todo ponto de vista é a vista de um ponto", Boff (2012, p. 15) incentivou a leitura e interpretação abrangente. Atividades pensativas desse tipo contribuem para a formação integral de indivíduos críticos, permitindo uma apreensão do mundo por meio de perspectivas diversas. Essa abordagem, associada aos ideais educacionais de liberdade e consciência ampla, respaldados também pelo pensamento de Paulo Freire, oferece uma base para uma educação norteada no ensino analítico.

Na atuação dos educadores, é essencial fomentar a inventividade dos alunos. Boff (2012) ressaltou, implicitamente, a ideia de progressiva construção da existência, alinhado ao pensamento de Freire (2009), que enfatiza a pedagogia da emancipação e empoderamento, mesmo que não tenha usado explicitamente o termo protagonismo.

Considerar uma abordagem pedagógica emancipadora nos leva a uma reflexão que redefine a qualidade da educação. Um exemplo dessa perspectiva pode ser observado em um documento do Ministério da Educação que aborda os conselhos escolares:

Uma educação de qualidade visa a emancipação dos sujeitos sociais e não guarda em si mesma um conjunto de critérios que a delimite. É a partir da concepção de mundo, sociedade e educação esposada, que a escola procura desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes que irão encaminhar a forma pela qual o indivíduo vai se relacionar com a sociedade, com a natureza e consigo mesmo. (BRASIL, 2004, p. 33).

Diversos registros oficiais atuais enfatizam a importância do papel político da escola na promoção de uma pedagogia genuinamente emancipadora, ressaltando a crescente ênfase em mecanismos de maior participação, como grêmios estudantis e conselhos escolares. Apesar de a educação ser um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 (Artigo 205) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Artigo 2º),

ainda há um caminho a ser percorrido, para que o exercício da cidadania seja plenamente efetivado. No entanto, considera-se a viabilidade de coordenar esforços conjuntos e ações que envolvam professores, estudantes e a comunidade escolar para concretização dessa perspectiva.

O papel do professor é o de mediador do conhecimento, não apenas de transmissor; essa ligação entre cinema e autonomia, sob a perspectiva emancipadora, é embasada em Freire (2009), que delinea a reflexão sobre essa função educativa. O objetivo é fortalecer e incentivar a habilidade crítica do aluno, indo além da mera entrega de informações.

A formação do cidadão é o objetivo essencial da educação básica, pois busca e implementa a atividade pensativa. A motivação para estimular o estudante no ambiente escolar reside na constatação de que, conforme Franco (2007, p. 61) salientou, atualmente, o mero acesso ao conhecimento não é mais adequado.

Ser protagonista - do grego "protos" (principal) e "agonista" (lutador) - implica compreender a arte de viver no mundo. Essa noção evoluiu, na pedagogia, abraçando a autonomia como um meio de desenvolver a cidadania. Ao proporcionar aos estudantes essa formação, concedendo-lhes a sensação de protagonismo e controle sobre suas histórias, a escola desempenha um papel crucial. Essa experiência pode ser vivenciada em três contextos: no reconhecimento da cultura jovem (através da integração de saberes e culturas para conferir significado aos estudos), na sala de aula (no processo de aprendizagem) e nas esferas de tomada de decisão, como apontou Franco (2007, p. 63).

Os professores podem orientar as atividades de forma a fortalecer o senso de protagonismo dos alunos, ao oferecerem uma abordagem analítica e envolvente por meio do cinema. Essa trajetória é gradualmente construída e desenvolvida, mas é, certamente, factível. Nesse contexto, a implementação de cineclubes na escola pode facilitar esse processo.

## **5. Considerações finais**

A utilização didática de filmes na Educação Profissional e Tecnológica oferece uma abordagem inovadora e envolvente para o ensino. Ao combinar elementos visuais e narrativos, os filmes têm o poder de aprimorar a compreensão dos alunos, estimular o



pensamento crítico e prepará-los de forma mais abrangente para os desafios do mundo de trabalho. A adoção de estratégias eficazes de implementação e a seleção criteriosa de filmes são fundamentais para maximizar os benefícios dessa abordagem, contribuindo para a formação de profissionais competentes e aptos a enfrentar as demandas da sociedade contemporânea.

O contexto da educação integral emerge como um campo primordial de ação, desde exercícios práticos até a exploração de estratégias eficazes para elevar a participação da comunidade escolar. É crucial considerar também os alunos além da faixa etária dos anos finais do Ensino Fundamental, ao buscar excelência educativa.

Os cineclubes surgiram como resposta às lacunas deixadas pelas salas comerciais, visando à apreciação do cinema e à democratização do acesso, segundo as diretrizes do Conselho Nacional de Cineclubes. Essa iniciativa redefine o papel da escola de maneira inclusiva, especialmente em regiões com escassas oportunidades culturais. Com apoio a espaços cineclubistas, tais atividades ocorriam coordenadas pelo Ministério da Cultura, do governo federal, como as iniciativas do programa Cine Mais Cultura.

Há oportunidades dentro do ambiente escolar para fomentar a conexão entre a escola e a comunidade e para explorar diferentes abordagens de formação. Uma estratégia viável é expandir a exibição de filmes para além dos espaços tradicionais, como cinemas. Com presença próxima nas comunidades, a escola pode se tornar um desses novos locais de projeção, facilitando o acesso e promovendo a interação.

O ambiente escolar oferece oportunidade para inclusão à criação de filmes, ao mesmo tempo que alia teoria e prática na exploração da "potência pedagógica do cinema" (FRESQUET, 2013, p. 11). Ao considerar os conhecimentos desta pesquisa e atividade prática, surge uma via possível que engloba conscientização e cidadania, numa abordagem de "concidadania" (BOFF, 2012, p. 24), enraizada em um contato direto com a arte cinematográfica. Nesse contexto, a utilização do cinema como ferramenta para fomentar a pensamento analítico torna-se uma prática realizável e valiosa.

Finalmente, destaca-se a alteração introduzida na LDB pela Lei nº 13.006/2014, que adicionou o parágrafo oitavo ao artigo 26. Com a intenção de alinhar-se às propostas pedagógicas, essa emenda se refere à exibição de obras cinematográficas de produção brasileira nas instituições de ensino. Tal fato sinaliza um processo de reconhecimento institucional da relevância do cinema como ferramenta para a formação crítica no ambiente

escolar, mesmo que ainda careça de diretrizes específicas para sua estruturação.

## 5. Referências

ALVES, Giovanni. **Tela crítica: a metodologia**. Londrina: Práxis, 2010.

ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (Org.). **Cineclube, cinema e educação**. Londrina: Práxis, 2010.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 49. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 09 jun. 2014.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 09 jun. 2014.

BRASIL. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. **Caderno 2: O Conselho Escolar e a Aprendizagem na Escola**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades socioeducativas no contraturno escolar. [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais\\_educacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf)

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 27 de junho de 2014**. Acrescenta o § 8º ao Art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FRANCO, Francisco Carlos. O coordenador pedagógico e a questão do protagonismo juvenil. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 61-80.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo:

Instituto Paulo Freire, 2009.

GATI, André. Cineclube. In: RAMOS, Fernão (Org.). **Enciclopédia do cinema brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2000. p. 128-13.

HOLZMANN, Lorena. **O trabalho no cinema** (e uma socióloga na plateia). Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. NAPOLITANO, Marc

os. **Cinema:** experiência cultural e escolar. Caderno de Cinema do Professor. São Paulo, 2009.